

# Estudo nega males da eletricidade

■ Epidemiologistas descartam ligação entre câncer e exposição a eletromagnetismo

WASHINGTON POST

LOS ANGELES — Um estudo feito pela companhia de eletricidade Edison do Sul da Califórnia em conjunto com a Universidade da Califórnia em Los Angeles não encontrou ligação entre o aumento da incidência de câncer e a exposição a ondas eletromagnéticas.

Segundo os pesquisadores, este é o maior e mais completo estudo feito sobre o tema. O trabalho investigou trabalhadores da Edison.

As ondas eletromagnéticas estão em toda parte, emitidas aparelhos de todos os tipos, de motores de geladeiras a telas de televisão e de computadores. O campo eletromagnético se forma cada vez que uma corrente elétrica passa por uma fio. Quando mais intensa a corrente, mais intenso será o campo eletromagnético que, acreditam muitos pesquisadores, pode causar sutis alterações nas células vivas, desencadeando o câncer.

Mas, até agora, ninguém demonstrou a associação entre a exposição de seres vivos a ondas eletromagnéticas e o surgimento de câncer, mesmo em experiências de

de laboratório com animais. As pesquisas mais recentes passaram a usar os métodos da epidemiologia.

Vários outros estudos epidemiológicos feitos nos Estados Unidos e na Europa sobre o assunto mostraram o aumento da incidência de certos tipos da doença, como a leucemia, linfoma e o câncer cerebral, particularmente em crianças.

Mas estes trabalhos foram considerados polêmicos e inconclusivos, sugerindo a procura de melhores evidências que fortalecessem um ou outro lado da discussão.

A equipe a Universidade da Califórnia examinou os registros de saúde de 36.221 trabalhadores que trabalharam para a Edison durante pelo menos um ano entre 1960 e 1988 e correlacionaram os registros com a quantidade de ondas eletromagnéticas a que cada empregador havia sido exposto durante seu período de trabalho.

Segundo o relatório publicado na revista *Epidemiology*, não foi constatado um aumento excessivo do número de casos de câncer em nenhum grupo de trabalhadores,

mesmo nos que haviam se exposto mais a campos eletromagnéticos.

“O método que usamos é melhor do que o usado em outros trabalhos, não porque a nossa equipe seja mais competente, mas porque tivemos acesso a informações que os outros não tiveram”, esclarece Jack D. Sahl, epidemiologista da Edison.

Para o epidemiologista David Savitz, da Universidade da Carolina do Norte, que comentou os resultados, “o estudo foi um trabalho bem planejado e bem realizado, que certamente pesa para o lado do lado negativo mas que também não nega os resultados anteriores mostrados por outros estudos. De qualquer modo esta não é ainda a palavra final sobre o assunto”.

Entretanto, o trabalho feito pela Edison em conjunto com a universidade será encarado com desconfiança por muitos pesquisadores, por ter sido feito pela própria companhia de eletricidade, segundo opina Louis Slesin, editor da revista *Microwave News*, que acompanha de perto o assunto. Além disso, os

resultados podem não ser tão bem recebidos por terem levado em conta uma população pequena demais para detectar riscos sutis, segundo Slesin e outros.

As duas deficiências apontadas por Slesin podem ser contornadas por dois novos estudos, um canadense e um norte-americano, que reunirão dados sobre trabalhadores de várias companhias de eletricidade e estão sendo supervisionados por cientistas independentes.

□ O mesmo defeito genético, localizado no cromossomo 17, está associado ao câncer de mama e de ovário, concluiu estudo feito por cientistas da Campanha de Pesquisa sobre o Câncer e da Fundação Imperial de Pesquisa do Câncer com 214 famílias dos Estados Unidos, Holanda, Islândia, Alemanha, França, Suécia e Inglaterra. O defeito aumenta em 60% os riscos para os dois tipos de câncer após os 50 anos. Mas é possível que o câncer de mama em particular dependa de outro defeito genético, além do investigado.